

The background of the cover is a surreal, mirrored cityscape. The top half shows a city with buildings and a hot air balloon, which is reflected in the bottom half. The sky is a mix of blue and pinkish-red. At the bottom, a man in a dark suit is seen from behind, walking towards the horizon. In the bottom right corner, there is a logo for 'ARQUEIRO' featuring a stylized archer.

*Quinze anos depois,  
Mitch McDeere está de volta*

# JOHN GRISHAM

---

## O RESGATE

A SEQUÊNCIA DE *A FIRMA*

  
ARQUEIRO

# 1

**N**o quadragésimo oitavo andar de uma torre espelhada bem ao sul de Manhattan, Mitch McDeere estava sozinho em seu escritório e olhava pela janela em direção ao Battery Park e às águas conturbadas além dele. Barcos de todos os tamanhos e formatos chegavam e saíam do porto. Enormes navios de carga lotados de contêineres esperavam, quase imóveis. A balsa de Staten Island passava devagar por Ellis Island. Um cruzeiro cheio de turistas partia em direção ao mar. Um megaiate fazia uma entrada esplendorosa na cidade. Uma alma corajosa num catamarã de quinze pés ziguezagueava, esquivando-se de tudo. Trezentos metros acima do nível da água, nada menos que cinco helicópteros zumbiam como vespas furiosas. Ao longe, os caminhões na ponte Verrazano estavam parados, um colado no outro. A Estátua da Liberdade assistia a tudo de seu majestoso poleiro. Era uma vista espetacular, que Mitch tentava apreciar pelo menos uma vez por dia. De vez em quando ele conseguia, mas a maioria dos dias era agitada demais para dar tempo a tal indulgência. Ele estava trabalhando – sua vida era regida pelo relógio, assim como a de centenas de outros advogados no prédio. O Scully & Pershing tinha mais de dois mil advogados espalhados pelo mundo e se gabava de ser o maior escritório de advocacia internacional do planeta. Os sócios de Nova York, entre os quais estava Mitch, contavam com os maiores escritórios do coração do distrito financeiro. Já tinham um século e exalavam prestígio, poder e dinheiro.

Ele olhou para o relógio no pulso, e o momento de distração chegou ao fim. Dois associados bateram e entraram para mais uma reunião. Eles se acomodaram em torno de uma pequena mesa enquanto uma secretária lhes oferecia café. Eles recusaram, e ela saiu. A cliente deles era uma empresa finlandesa de navegação com problemas na África do Sul. As autoridades de lá haviam retido um cargueiro cheio de eletrônicos vindos de Taiwan. Vazio, o navio valia cerca de cem milhões. Inteiramente carregado, valia o dobro, e os sul-africanos estavam descontentes com algumas questões tarifárias. Mitch estivera na Cidade do Cabo duas vezes no ano anterior e não tinha interesse nenhum em voltar. Depois de meia hora, dispensou os associados com uma lista de instruções e recebeu outra dupla.

Às cinco da tarde em ponto ele se despediu da secretária, que estava de saída, e passou pelos elevadores em direção à escada. Ele evitava os elevadores para escapar da conversa fiada dos advogados que conhecia e também dos que não conhecia. Mitch tinha muitos amigos no escritório e apenas alguns inimigos declarados, e havia sempre uma nova leva de associados e sócios juniores recém-chegados e cheios de empolgação com rostos e nomes que ele deveria lembrar. Na maioria das vezes não lembrava, tampouco tinha tempo de se debruçar sobre a lista de funcionários da empresa para tentar decorá-los. Muitos saíam antes mesmo que ele aprendesse os nomes.

Usar a escada o fazia exercitar as pernas e o pulmão e sempre lembrava a ele que não estava mais na faculdade, que não jogava mais futebol americano nem basquete por horas como fazia antes. Mitch tinha 41 anos e mantinha a forma de sempre porque cuidava da alimentação e pelo menos três vezes por semana ia malhar na academia do escritório na hora do almoço. Outra vantagem exclusiva dos sócios.

Ele saiu da escada no quadragésimo segundo andar e deu uma corridinha até o escritório de Willie Backstrom, também sócio, mas que contava com o luxo de não cobrar por hora. Willie tinha a invejada ocupação de administrar os programas *pro bono* do escritório e, embora mantivesse um controle das suas horas de trabalho, não enviava faturas. Não havia ninguém para pagá-las. Os advogados do Scully ganhavam muito dinheiro, principalmente os sócios, e o escritório era famoso pelo compromisso com o trabalho *pro bono*. Ele se oferecia para trabalhar de graça em casos difí-

ceis no mundo todo. Todo advogado era obrigado a doar pelo menos 10% de seu tempo para diferentes causas, todas aprovadas por Willie.

Houve uma polarização no escritório sobre a questão do trabalho *pro bono*. Metade dos advogados gostava porque possibilitava uma pausa bem-vinda na rotina estressante de representar clientes corporativos em casos que envolviam alta pressão. Durante algumas horas por mês, um advogado poderia representar uma pessoa ou uma organização sem fins lucrativos em dificuldades e não se preocupar em enviar faturas nem receber honorários. A outra metade dizia que era muito nobre ajudar a sociedade, mas na verdade achava aquilo um desperdício. Aquelas 250 horas anuais seriam mais bem gastas ganhando dinheiro e melhorando a posição dos advogados junto aos vários comitês que decidiam quem seria promovido, quem viraria sócio e quem seria dispensado em algum momento.

Willie Backstrom não se estressava com isso, o que não era muito difícil, porque nenhum advogado, independentemente do grau de ambição, teria coragem de criticar os agressivos programas *pro bono* do escritório. O Scully inclusive concedia prêmios anuais aos advogados que iam além de suas obrigações a serviço dos menos favorecidos.

Atualmente, Mitch passava quatro horas por semana trabalhando com um abrigo de pessoas sem-teto no Bronx, representando clientes que haviam sido despejados. Era trabalho de escritório puro e simples, justamente o que ele queria. Sete meses antes, tinha visto um cliente que estava no corredor da morte no Alabama proferir suas últimas palavras antes de ser executado. Havia passado oitocentas horas, ao longo de seis anos, tentando em vão salvar o sujeito, e vê-lo morrer tinha sido angustiante, o maior fracasso que poderia imaginar.

Mitch não fazia ideia do que Willie queria, mas o simples fato de ter sido chamado não era um bom presságio.

Willie era o único advogado do Scully que usava rabo de cavalo, e não lhe caía bem. O cabelo era grisalho, assim como a barba. Poucos anos antes, alguém do alto escalão teria lhe dito para eliminar todo esse excesso, mas a empresa estava se esforçando para se livrar da imagem antiquada de clubinho elitista cheio de homens brancos de terno escuro e colarinho branco. Uma das mudanças radicais foi a eliminação do código de vestimenta. Willie deixou crescer o cabelo e o bigode e começou a ir trabalhar de calça jeans.

Mitch, ainda de terno escuro, mas sem gravata, se sentou do outro lado da mesa enquanto eles jogavam conversa fora. Willie por fim resolveu ir ao ponto:

– Digamos, Mitch, que tem um caso no Sul no qual eu gostaria que você desse uma olhada.

– Por favor, não vai me dizer que o cara está no corredor da morte.

– O cara está no corredor da morte.

– Não posso, Willie. Por favor. Tive dois casos assim nos últimos cinco anos e os dois levaram a injeção. Meu histórico não é muito bom.

– Você fez um ótimo trabalho, Mitch. Ninguém teria conseguido salvar aqueles dois.

– Não posso assumir mais um.

– Você pode pelo menos me escutar?

Mitch assentiu e deu de ombros. O apreço de Willie por casos de pessoas no corredor da morte era lendário, e poucos advogados do Scully conseguiam dizer não a ele.

– Tá bom, eu escuto.

– O nome do cara é Tad Kearny, e ele tem noventa dias. Um mês atrás ele tomou a estranha decisão de demitir os advogados, todos eles, e olha que ele tinha uma equipe e tanto.

– Parece maluco.

– Ah, ele é. Maluco de pedra, provavelmente patológico, mas o Tennessee está pegando pesado mesmo assim. Dez anos atrás, ele matou a tiros três agentes disfarçados da divisão de entorpecentes em uma apreensão de drogas que deu errado. Corpos por todo lado, cinco morreram no local. Tad quase morreu, mas eles conseguiram salvá-lo para poderem executá-lo mais tarde.

Mitch riu de frustração e disse:

– E agora eu tenho que montar em um cavalo branco e ir salvar o cara? Por favor, Willie. Me dá alguma coisa com que eu possa trabalhar.

– Não há quase nada com que trabalhar, exceto a alegação de insanidade. O problema é que ele provavelmente não vai aceitar te receber.

– Então por que se preocupar?

– Porque a gente precisa tentar, Mitch, e eu acho que você é nossa melhor aposta.

– Me fala mais.

– Bem, ele me lembra muito você.  
– Uau, obrigado.  
– Não, sério. Ele é branco, da sua idade, e nasceu no Kentucky, no condado de Dane.

Por um segundo, Mitch não soube o que dizer, mas depois conseguiu:

– Maravilha. Provavelmente somos primos.  
– Acho difícil, mas o pai dele trabalhava em minas de carvão, assim como o seu. E também morreu lá.

– Deixa a minha família fora disso.

– Desculpa. Você teve um golpe de sorte e inteligência para mudar de vida. O Tad não teve, e logo se envolveu com drogas, tanto como usuário quanto como traficante. Ele e alguns amigos estavam fazendo uma entrega grande perto de Memphis quando foram emboscados por agentes da divisão de entorpecentes. Todo mundo morreu, menos o Tad. Parece que a sorte dele acabou se esgotando.

– Não existe nenhuma dúvida sobre a culpa dele?

– Certamente não para o júri. A questão não é a culpa, mas a insanidade. A ideia é fazer com que ele seja avaliado por alguns especialistas, médicos nossos, e tentar uma cartada final. Primeiro, porém, alguém precisa ir lá e falar com o sujeito. No momento ele não está aceitando visitas.

– E você acha que vai haver uma sintonia entre a gente?

– É um tiro no escuro, mas por que não tentar?

Mitch respirou fundo e tentou pensar em outra saída.

– Quem está com o caso? – perguntou ele para ganhar tempo.

– Bem, tecnicamente, ninguém. Tad se tornou um belíssimo advogado-detento e deu entrada nos documentos necessários para demitir os advogados. Amos Patrick o representou por muito tempo, um dos melhores de lá. Você conhece o Amos?

– Eu o vi uma vez em uma conferência. Uma figura.

– A maioria dos advogados de corredor da morte é uma figura.

– Olha, Willie, eu não tenho desejo nenhum de ficar conhecido como advogado de corredor da morte. Já passei por isso duas vezes e pra mim basta. Esses casos consomem a gente. Quantos clientes seus você já viu morrer?

Willie fechou os olhos e respirou fundo. Mitch pediu desculpas.

– Muitos, Mitch. Vamos dizer apenas que eu já passei por isso. Olha, eu falei com o Amos, falei bastante, e ele gostou da ideia. Ele vai te levar até

o presídio, e, quem sabe, talvez o Tad te ache interessante o suficiente pra aceitar bater um papo.

– Pra mim, parece um beco sem saída.

– Em noventa dias com certeza vai ser, mas pelo menos vamos ter tentado.

Mitch se levantou e foi até uma das janelas. A vista de Willie dava para oeste, sobre o rio Hudson.

– Amos está em Memphis, certo?

– Certo.

– Eu não queria ter que voltar a Memphis de jeito nenhum. Muitas histórias.

– Histórias passadas, Mitch. Quinze anos atrás. Você escolheu o escritório errado e teve que ir embora.

– Tive que ir embora? Pô, eles estavam tentando me matar. Pessoas morreram, Willie, e o escritório inteiro foi pra cadeia. Junto com os clientes.

– Todos eles mereciam ir pra cadeia, não mereciam?

– Acredito que sim, mas quem levou a culpa fui eu.

– E agora todos eles estão fora de jogo, Mitch. Cada um num canto.

Mitch voltou para a cadeira e sorriu para o amigo.

– Só por curiosidade, Willie. As pessoas aqui falam sobre mim e o que aconteceu em Memphis?

– Não, ninguém toca no assunto. A gente sabe da história, mas ninguém tem tempo pra ficar fofocando sobre ela. Você fez a coisa certa, foi embora e recomeçou. Você é um dos nossos astros, Mitch, e isso é tudo que importa no Scully.

– Eu não quero voltar para Memphis.

– Você precisa das horas. Está meio devagar esse ano.

– Eu vou cumprir a meta. Por que você não arruma uma pequena instituição bacana que precise de aconselhamento jurídico gratuito? Talvez uma empresa que cuide de crianças com fome ou envie água potável para o Haiti!

– Você ia morrer de tristeza. Você prefere a ação, o drama, correr contra o relógio...

– Já passei dessa fase.

– Por favor. Estou pedindo encarecidamente. Não tem mais ninguém, na verdade. E existe uma chance enorme de você nem sequer entrar naquele presídio.

- Eu não quero voltar para Memphis.
- Vence esse medo. Tem um voo direto amanhã à uma e meia saindo do LaGuardia. O Amos vai estar te esperando. No mínimo você vai poder desfrutar da companhia dele.

Mitch sorriu, resignado.

- Tá bem, tá bem – resmungou ele enquanto se levantava e ia até a porta.
- Sabe, acho que eu me lembro de uns Kearnys do condado de Dane.
- Assim que se fala, garoto. Vai lá fazer uma visita ao Tad. Você tem razão. Pode ser que ele seja um primo distante.
- Não distante o suficiente.

## 2

Grande parte dos sócios do Scully, junto com muitos de seus rivais nos maiores escritórios do país, bem como incontáveis investidores de Wall Street, saía correndo dos altos prédios por volta das seis da tarde e entrava em sedãs pretos particulares. Os maiores astros dos fundos de hedge se sentavam nos espaçosos bancos traseiros dos longos carros europeus que eles de fato possuíam e eram conduzidos por motoristas pagos por eles. Os verdadeiros e essenciais mestres do universo tinham deixado a cidade completamente para trás e viviam e trabalhavam com tranquilidade em Connecticut.

Embora pudesse pagar por um serviço de chofer, Mitch usava o metrô, uma de suas muitas concessões à frugalidade e ao seu passado humilde. Ele pegou o trem das 18h10 em South Ferry, encontrou um assento em um banco quase lotado e, como de costume, escondeu a cara atrás de um jornal. O contato visual deveria ser evitado. O vagão estava cheio de outros profissionais abastados que iam para o norte, e nenhum deles tinha interesse em conversar. Não havia problema nenhum em andar de metrô. Era rápido, fácil, barato e, na maior parte do tempo, seguro. O problema era que os outros passageiros eram, de certa forma, personagens de Wall Street e, como tal, ou ganhavam muito dinheiro ou estavam prestes a ganhar. Os sedãs particulares estavam quase ao alcance deles. Os dias de andar de metrô estavam perto do fim.

Mitch não tinha tempo para esse tipo de bobagem. Ele folheou o jornal,

pacientemente se espremendo junto com os outros passageiros conforme mais pessoas entravam no vagão, e sua mente viajou para Memphis. Ele nunca dissera que jamais voltaria. Entre ele e Abby, essa promessa nem precisava ser verbalizada. Ir embora daquele lugar tinha sido tão assustador que eles não conseguiam imaginar voltar por nenhum motivo. No entanto, quanto mais ele pensava, mais intrigado ficava. Seria uma viagem rápida que provavelmente não levaria a lugar nenhum. Ele estava fazendo um grande favor a Willie, um favor que sem dúvida lhe proporcionaria uma bela recompensa.

Depois de 22 minutos, ele saiu do metrô na estação Columbus Circle e deu início à caminhada diária até seu apartamento. Era uma esplêndida noite de abril, com céu e temperatura agradáveis, um daqueles momentos de cartão-postal em que metade da população da cidade parecia estar ao ar livre. Mitch, porém, correu para casa.

O prédio ficava na rua 69, próximo à Columbus Avenue, no coração do Upper West Side. Mitch cumprimentou o porteiro, recolheu a correspondência e pegou o elevador até o décimo quarto andar. Clark abriu a porta e pediu um abraço. Aos oito anos, ainda era um menino e não tinha vergonha de demonstrar carinho pelo pai. Carter, seu irmão gêmeo, era um pouco mais maduro e já vinha superando os rituais de contato físico com Mitch. Ele teria abraçado e beijado Abby e perguntado sobre seu dia, mas ela estava com convidados na cozinha. Um cheiro delicioso tomava conta do apartamento. Algo maravilhoso estava sendo preparado, e o jantar seria uma delícia mais uma vez.

Os chefs eram Marco e Marcello, os irmãos Rosario, também gêmeos. Eles eram de um pequeno vilarejo na Lombardia, no norte da Itália, e dois anos antes tinham aberto uma trattoria perto do Lincoln Center. Foi um sucesso desde o primeiro dia e logo recebeu duas estrelas do *The New York Times*. Era difícil conseguir uma reserva; o tempo de espera naquele momento era de quatro meses por uma mesa. Mitch e Abby descobriram o lugar e comiam lá com frequência, sempre que queriam. Abby tinha facilidade para conseguir uma mesa porque estava editando o primeiro livro de receitas dos irmãos. Ela também os incentivou a usar a cozinha moderna do apartamento dela e de Mitch para testar novas receitas, e, pelo menos uma vez por semana, eles apareciam com sacolas cheias de ingredientes e um jeito quase frenético de cozinhar. Abby estava bem no meio de um

momento desses, tagarelando em um italiano perfeito enquanto Carter e Clark assistiam da segurança de seus bancos perto de um balcão. Marco e Marcello adoravam se exibir para os meninos e explicavam seus preparativos em um inglês com forte sotaque. Eles também estimulavam os gêmeos a repetir palavras e frases em italiano.

Mitch riu da cena enquanto largava a pasta no chão, tirava o paletó e se servia de uma taça de Chianti. Ele perguntou aos meninos sobre o dever de casa e recebeu a garantia padrão de que estava tudo feito. Marco apresentou um pequeno prato de bruschetta, colocou-o no balcão em frente aos meninos e disse a Mitch que ele não deveria se preocupar com dever de casa e coisas assim, porque os dois estavam fazendo um trabalho importante como provadores. Mitch fingiu aceitar o argumento. Ele conferiria o dever de casa mais tarde.

O nome do restaurante deles era, sem nenhuma surpresa, Rosario's, e estava bordado em letras grossas nos aventais vermelhos que usavam. Marcello ofereceu um a Mitch, que, como sempre, recusou, alegando que não sabia cozinhar. Quando estavam sozinhos na cozinha, Abby permitia que ele descascasse e cortasse legumes, medisse temperos sob seu olhar atento, arrumasse a mesa e cuidasse do lixo, todo o trabalho pesado que ela considerava aceitável para os talentos dele. Uma vez ele conseguiu ser promovido a sous chef, mas foi severamente rebaixado depois de queimar uma baguete.

Ela pediu uma pequena taça de vinho. Marco e Marcello recusaram, como sempre. Mitch aprendera anos antes que os italianos, apesar da sua prodigiosa produção de vinho e da presença da bebida em praticamente todas as refeições, na verdade bebiam pouco. Uma jarra do tinto ou branco local preferido satisfazia uma grande família durante um jantar demorado.

Pelo seu conhecimento sobre comida e vinho italianos, Abby era editora-sênior da Epicurean, uma pequena mas movimentada editora da cidade. A empresa havia se especializado em livros de receitas e publicava cerca de cinquenta títulos por ano, quase todos em volumes grossos e bonitos recheados de receitas do mundo todo. Como ela conhecia muitos chefs e donos de restaurantes, ela e Mitch jantavam fora com frequência e raramente se preocupavam em reservar mesa. O apartamento deles era o laboratório preferido de jovens chefs que sonhavam com o sucesso em uma cidade repleta de restaurantes sofisticados e gourmets sérios. A maioria das refeições preparadas lá era extraordinária, mas, como os chefs tinham liberdade para

experimentar, de vez em quando algo não funcionava. Carter e Clark eram cobaias fáceis e estavam sendo criados em um mundo de receitas de alto nível. Se os chefs não conseguissem agradá-los, seus pratos provavelmente estariam em apuros. Os meninos eram incentivados a criticar qualquer prato de que não gostassem. Seus pais costumavam fazer piada baixinho sobre estarem criando uma dupla de gourmets metidos a besta.

Naquela noite não haveria reclamações. A bruschetta foi seguida por uma pequena pizza de trufas. Abby anunciou o fim dos aperitivos e encaminhou a família para a mesa de jantar. Marco serviu o primeiro prato, uma sopa de peixe condimentada chamada *cacciucco*, enquanto Marcello se sentava. Todos os seis deram uma colherada, apreciaram os sabores e refletiram sobre o que tinham achado. O ritmo era lento, e isso muitas vezes incomodava as crianças. O prato de massa era sopa de *cappelletti*, um pequeno ravióli em caldo de carne. Carter, em particular, adorava massa e disse que aquela estava deliciosa. Abby não teve a mesma convicção. Marco serviu o segundo prato, um risoto de açafrão. Como eles estavam fazendo pesquisas em um laboratório, um terceiro prato, espaguete ao vôngole, veio a seguir. As porções eram pequenas, apenas algumas garfadas, e eles faziam brincadeiras sobre se preparar para tudo que estava por vir. Os Rosarios discutiam sobre os ingredientes, as variações das receitas e coisas afins. Mitch e Abby ofereceram suas opiniões, muitas vezes com todos os adultos falando ao mesmo tempo. Depois do prato de peixe, os meninos começaram a ficar entediados. Logo foram dispensados da mesa e subiram para ver televisão. Eles perderam o prato de carne, guisado de coelho, e a sobremesa, *panforte*, um bolo denso de chocolate com amêndoas.

Durante o café, os McDeeres e os Rosarios debateram quais receitas deveriam ser incluídas no livro e quais precisavam ser mais trabalhadas. Falavam meses para a conclusão, então ainda havia muitos jantares por vir.

Pouco depois das oito, os irmãos estavam prontos para arrumar suas coisas e ir embora. Eles precisavam voltar ao restaurante e conferir a clientela. Depois de uma rápida limpeza e da habitual troca de abraços, eles partiram com sinceras promessas de voltar na próxima semana.

Quando o apartamento ficou em silêncio, Mitch e Abby voltaram para a cozinha. Como sempre, ainda estava uma bagunça. Eles terminaram de colocar os pratos no lava-louça, empilharam algumas panelas ao lado da pia e apagaram a luz. A governanta chegaria pela manhã.

COM OS MENINOS JÁ NA CAMA, eles foram para o escritório tomar alguma coisa antes de se deitar: uma taça de Barolo. Relembrou o jantar, falaram sobre trabalho e relaxaram.

Mitch mal podia esperar para dar a notícia.

– Vou viajar amanhã à noite – disse ele.

Não era novidade nenhuma. Ele costumava passar dez noites por mês fora de casa, e ela havia aceitado as exigências do trabalho dele havia muito tempo.

– Não está na agenda – disse ela, dando de ombros. Relógios e calendários governavam a vida dos dois, e eles eram diligentes no planejamento.

– Algum lugar divertido?

– Memphis.

Ela assentiu, tentando sem sucesso esconder a surpresa.

– Ok, estou ouvindo, e é melhor que seja bom.

Ele sorriu e fez um rápido resumo da conversa com Willie Backstrom.

– Por favor, Mitch, mais um caso de pena de morte, não. Você prometeu.

– Eu sei, eu sei, mas eu não consegui dizer não pro Willie. É uma medida desesperada e provavelmente vai ser uma viagem perdida. Eu disse que ia tentar.

– Achei que a gente nunca mais voltaria lá.

– Eu também. Mas é só por 24 horas.

Ela tomou um gole de vinho e fechou os olhos.

– Faz muito tempo que a gente não fala sobre Memphis, não é? – disse ela depois de reabri-los.

– É. Porque não precisamos, na verdade. Mas já se passaram quinze anos, e tudo mudou.

– Não gosto mesmo assim.

– Eu vou ficar bem, Abby. Ninguém vai me reconhecer. Todos os criminosos se foram.

– Você que pensa. Pelo que eu me lembro, saímos da cidade no meio da noite, morrendo de medo, certos de que eles estavam atrás de nós.

– E estavam. Mas eles se foram. Alguns estão mortos. O escritório implodiu, e todo mundo foi pra cadeia.

– Onde eles merecem estar.

– É, mas nenhum integrante do escritório ainda mora em Memphis. Vou chegar e ir embora sem nenhum problema, e ninguém vai saber.

– Não gosto das lembranças daquele lugar.

– Olha, Abby, há muito tempo nós tomamos a decisão de ter uma vida normal, sem olhar pra trás. O que aconteceu lá são águas passadas.

– Mas, se você aceitar o caso, seu nome vai aparecer na imprensa, né?

– Se eu aceitar o caso, o que parece pouco provável, não vou ficar em Memphis. A penitenciária fica em Nashville.

– Então por que você vai a Memphis?

– Porque o advogado, ou ex-advogado, trabalha lá. Vou fazer uma visita ao escritório dele, pra ele me inteirar, e depois vamos até o presídio.

– O Scully tem um milhão de advogados. Eles com certeza podiam ter achado outra pessoa.

– Não dá pra esperar. E se o cliente se recusar a me receber, vou estar livre e volto pra casa antes mesmo que você comece a sentir saudades.

– Quem disse que eu vou sentir saudades? Você viaja o tempo todo!

– É, e eu sei que vocês ficam tristes quando eu viajo.

– Mal conseguimos sobreviver. – Ela sorriu, balançou a cabeça e lembrou a si mesma que discutir com Mitch era perda de tempo. – Por favor, toma cuidado.

– Eu prometo.

## CONHEÇA OS LIVROS DE JOHN GRISHAM

Justiça a qualquer preço

O homem inocente

A firma

Cartada final

O Dossiê Pelicano

Acerto de contas

Tempo de matar

Tempo de perdoar

O júri

A lista do juiz

Em lados opostos

O resgate

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

